INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: O QUE SIGNIFICA FAZER ALGO INOVADOR?

Aluna: Débora Vieira Machado
Orientadora: Magda Pischetola

Introdução

A partir dos grupos focais com foco em didática, conhecimento e tecnologia o grupo de Pesquisa ForTec (Formação Docente e Tecnologias) aprofunda-se nas questões relativas à introdução de tecnologias na escola relacionando-as com as concepções de conhecimento de professores e alunos.

Objetivos

Visando o aprofundamento do conceito de inovação, esta pesquisa pretende investigar se há relação entre inovação pedagógica e inovação tecnológica. Partindo disso, busca-se entender o que significa fazer algo inovador. Com base nos primeiros levantamentos bibliográficos, é possível perceber que essa temática não é muito investigada, uma vez que, muito se fala em inovação supondo que haja um consenso com respeito ao significado do termo. Entretanto, inovação, no âmbito escolar, por muitas vezes é considerada como sinônimo de inserção de tecnologia, havendo um binômio que precisa ser esclarecido, principalmente quando estamos falando de inovação pedagógica. Ressaltamos a importância de investigar e compreender o que os professores veem como inovação.

Marco teórico

Para abordar a questão aqui proposta, é preciso, antes de tudo, que seja esclarecido qual o conceito de inovação, sua origem, seus símbolos e como ela chegou à Educação. Por que essa ênfase sobre inovação? Por que o discurso de inovação está tão atrelado à tecnologia?

A literatura no âmbito dos Estudos Sociais sobre Ciência e Tecnologia apresenta uma análise de correntes que define como determinismo e neutralidade tecnológica. É possível que essas duas vertentes estejam presentes em educação, com a importância atribuída ao conceito de inovação pedagógica e sua estreita relação com a tecnologia. De acordo com Dagnino [1], segundo uma visão de neutralidade, "nem a C&T [Ciência e Tecnologia] é influenciada pelo contexto social nem possui um poder de determinar a sua evolução, sendo desprovidas de valor e dele independente". Por outro lado, continua o autor, segundo uma visão determinista, "o desenvolvimento da C&T é considerado como uma variável independente e universal que determina o comportamento de todas as outras variáveis do sistema produtivo social; como se ela dependesse inteiramente das mudanças e da organização tecnológica".

A tecnologia não é neutra uma vez que ela vem com discursos e práticas que podem passar despercebidas. Ela influencia a comunidade que está inserida e que por sua vez a dicotomiza separando em influência boa ou ruim, bom uso ou mal-uso. E não é diferente dentro da escola. Em muitos discursos, é percebido que a responsabilidade da tecnologia em sala de aula é colocada inteiramente sobre o professor, como se a tecnologia fosse neutra e o professor determinaria de acordo com o seu uso se ela seria utilizada de maneira "boa" ou "ruim". Mas afinal, o professor que faz uso das tecnologias é, por este motivo, um professor inovador? Muitos dos discursos de inovação pedagógica estão intimamente ligados à inovação tecnológica. De acordo com Peixoto [2] "*tanto a perspectiva determinista como a instrumental oferecem argumentos para acusar o professor de ser resistente às mudanças*".

Em entrevista de 2015, o educador António Nóvoa, ao ser perguntado sobre as pesquisas que apontam o uso da tecnologia como facilitadora do trabalho docente ou como ampliadoras do interesse dos alunos, declarou que as tecnologias devem ser consideradas parte da escola e do processo de aprendizagem, sendo também um objeto de reflexão sobre como professores e alunos as utilizam. Então, fica a pergunta: a tecnologia é uma cultura fundamental para a inovação na Educação? Existe uma crença de que a tecnologia irá melhorar a escola, mas ela, por si só, não é a salvação. Nada avança se usar tecnologias objetivando a inovação pedagógica sem ter entendimento do que é inovar, a intencionalidade dessa inovação pedagógica seria, por ela mesma, obsoleta. A inovação pedagógica vai além da inclusão de tecnologias no planejamento curricular, assim, é preciso compreender melhor como inovar as práticas pedagógicas, qual a essência dessa inovação e o motivo de fazê-la.

Metodologia

Com base nos questionamentos que a literatura traz, acreditamos que é importante que os professores consigam discernir inovação pedagógica de inovação tecnológica, pois esse discernimento contribui para que sejam mais assertivos em relação a inovação das suas práticas. Para melhor compreensão dessa distinção conceitual, abordaremos a temática no mundo lusófono e hispano falante. A metodologia deste trabalho compõe-se, portanto, de duas etapas:

1) Levantamento bibliográfico de artigos científicos publicados nos últimos 5 anos que abordam o tema da inovação pedagógica e sua relação com as tecnologias, com vistas a categorizar os entendimentos de inovação relacionado às práticas docentes.

2) Análise de dois grupos focais, realizados em duas escolas municipais de segundo segmento do Rio de Janeiro pelo grupo de pesquisa ForTec ao longo do ano letivo de 2018 e já transcritos. A análise estará pautada nas categorias encontradas em literatura (etapa 1).

Percebemos as duas etapas como complementares. Em virtude disso, e com base nas leituras e discussões do grupo ForTec e da observação dos grupos focais, será possível uma análise a respeito da etimologia da palavra inovação, bem como a ideia de inovação pedagógica e inovação tecnológica na visão de autores e professores. Por conseguinte, veremos como os professores adaptam as tecnologias às suas práticas, assim como, os impactos da tecnologia e a transformação da prática. Em última análise, buscamos perceber se há relação entre inovação pedagógica e tecnologia, tanto quanto, os professores a compreendem.

Referências

1 - DAGNINO, Renato. Neutralidade da ciência e determinismo tecnológico. 1ª Edição. São Paulo: UNICAMP, 2008, p. 19.

2 - PEIXOTO, J. (2015, p. 324). Relações entre sujeitos sociais* e objetos técnicos** uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. *Revista Brasileira de Educação, 20*(61). Grifo da autora. Fonte: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27538407003

3 – NOVOA, A. (2015). Aprendizagem não é saber muito. Entrevista concedida a Cinthia Rodrigues, *Carta Capital*. Disponível em: http://www.cartaeducacao.com.br/entrevistas/antonio-novoa-aprendizagem-nao-e-saber-muito/